

Trajetórias ocupacionais de estrangeiros no mercado de trabalho formal brasileiro

Lilian Silva do Amaral Suzuki

Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás/Brasil

liliansuzuki2@hotmail.com

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a trajetória ocupacional de estrangeiros inseridos no mercado de trabalho formal brasileiro. Uma perspectiva de análise de trajetórias deve examinar relatos individuais, para compreender de que maneira eventos anteriores, condições sociais e econômicas e características individuais podem influenciar em decisões e eventos ao longo do tempo. Primeiramente realizou-se um levantamento sobre os trabalhadores estrangeiros que possuem vínculo formal de trabalho no Brasil, o que permitiu traçar o perfil e as principais características desses trabalhadores. Em seguida, foram realizadas entrevistas e aplicados questionários com trabalhadores estrangeiros de diferentes nacionalidades e localizados em diferentes cidades do Brasil. Constatou-se um crescimento significativo de mão de obra estrangeira no mercado de trabalho formal, de 2008 a 2015. O crescimento foi, no entanto, muito maior em ocupações de baixa remuneração e que exigem menor nível de escolaridade, sinalizando uma configuração polarizada no mercado para trabalhadores estrangeiros no Brasil.

Palavras-chave: trabalho, trajetórias e migrações internacionais.

Introdução

Poucas questões suscitam tantas controvérsias como as migrações internacionais, por se tratar de um fenômeno social bastante complexo e multifacetado que se relaciona com outros importantes aspectos. O ato de migrar encontra-se diretamente interligado a questões econômicas, demográficas, políticas, culturais, religiosas, dentre outras.

Wynne (2015) explica que a migração internacional é um fenômeno global, ainda que, atualmente, existam mais restrições legais – que buscam dificultar e/ou impedir o movimento transfronteiriço de pessoas - do que cem anos atrás. Por isso, os movimentos migratórios têm despertado, de modo geral, grande interesse e no campo acadêmico e científico isso não é diferente. “Uma pletera interminável de investigações lança uma luz constantemente renovada sobre as múltiplas facetas do fenômeno.” (ARANGO, 2003, p. 1, tradução nossa).

Para Massey e Arango (1998), esse protagonismo das migrações internacionais surge a partir da década de 1970, influenciado, principalmente, pela economia pós-

industrial e por todas as importantes mudanças geopolíticas ocorridas no Ocidente no século XX, quando o mundo ocidental vivenciou uma drástica reformulação de diversas ordens e esferas da vida social. Nesse momento, as ideias e noções existentes sobre as migrações também se modificaram radicalmente.

Se no início, as poucas teorias que surgiram se mostraram bastante rígidas e sem conexão umas com as outras, os estudos migratórios mais recentes, cada vez mais, levam em consideração que a experiência de migrar engloba todas as dimensões da existência humana.

Segundo Sayad (1998) examinar os movimentos migratórios a partir de sua diversidade e complexidade significa compreendê-los como um “fato social total”, percebendo de que maneira o ato de migrar encontra-se inter-relacionado à sociedade como um todo. Por isso, ao se estudar o fenômeno migratório é fundamental que se analise tanto a “sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica [...] como também sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento” (SAYAD, 1998, p. 16).

Nesse sentido, compreende-se que o trabalho constitui uma importante categoria ao se analisar os fluxos migratórios contemporâneos, pois este é um elemento central de organização na vida dos indivíduos de modo geral, e as experiências adquiridas através do trabalho são fundamentais para a construção de identidades, comunidades, famílias, oportunidades etc.

Esse estudo integra minha tese de doutorado que encontra-se em andamento e tem como objetivo analisar a inserção e as trajetórias ocupacionais de estrangeiros presentes no mercado de trabalho formal no Brasil. De acordo com Edmonston (2013), uma perspectiva que busque analisar trajetórias deve examinar histórias individuais, a fim de compreender de que maneira eventos anteriores, condições sociais, econômicas e características individuais, podem influenciar em decisões e eventos ao longo do tempo.

Metodologia

Primeiramente realizou-se um levantamento sobre trabalhadores estrangeiros no Brasil através das bases da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), assim através da RAIS foi possível ter acesso a quantidade de trabalhadores estrangeiros inseridos no mercado de trabalho formal durante o período de 2008-2015 e outras

importantes características como: país de origem, sexo, ocupação, idade, escolaridade, dentre outras.

O período inicial de análise foi selecionado em razão da crise econômica que atingiu diversos países a partir de 2008. Nesse sentido, entende-se que a crise econômica de 2008 contribuiu significativamente para a mudança no padrão dos fluxos migratórios internacionais que tinham como destino o Brasil, tendo um efeito imediato no mercado de trabalho brasileiro. Portanto, os dados quantitativos obtidos através da RAIS possibilitaram a realização de um estudo longitudinal que buscou apreender às principais mudanças ocorridas com relação ao perfil dos imigrantes inseridos no mercado de trabalho formal brasileiro entre os anos de 2008 e 2015.

Foram realizadas 25 entrevistas individuais em profundidade com trabalhadores imigrantes de diferentes nacionalidades que se encontram inseridos no mercado de trabalho formal no Brasil nas cidades de São Paulo, Goiânia e Aparecida de Goiânia. As entrevistas foram realizadas pessoalmente ou por telefone pela Internet, empregando a tecnologia VoIP” (voz sobre IP), disponível em aplicativos populares como Skype, Google Voice e outros. Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com base em um roteiro pautado na bibliografia e nos objetivos da pesquisa. Os áudios das entrevistas foram gravados, transcritos, codificados e analisados.

A estratégia metodológica aqui empregada tem como inspiração a tentativa de analisar trajetórias biográficas associadas à estrutura social gestada no programa de pesquisa coordenado por Claude Dubar no Laboratório *Printemps (Professions, Institutions, Temporalités)* da Universidade de Versailles, a partir de 1995 (DUBAR, 1998). O princípio básico da análise é o postulado de que todo relato, inclusive “entrevistas biográficas transcritas, obedece a um certo número de regras formais que constituem indicadores para desconstruir a estrutura desses relatos e assim dar conta das regularidades na dinâmica biográfica” (DUBAR, NICOURD, 2017, p. 86)

Utilizou-se também dados obtidos através de um questionário disponibilizado online e que foi preenchido de forma voluntária por 15 trabalhadores estrangeiros localizados em diferentes Unidades da Federação. Para identificar e contatar os/as informantes, adotou-se a seguinte estratégia: Sabe-se que migrantes estrangeiros que recebem autorização para trabalhar no Brasil o fazem através da Coordenação Geral de Imigração (CGI) – órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego. Após a análise do pedido, caso seja deferido, a autorização é publicada no Diário Oficial da

União. Decidimos buscar a identificação desses trabalhadores através dessas publicações.

Dessa forma, pesquisamos as listas com os nomes das empresas e dos trabalhadores estrangeiros que receberam autorização para trabalhar no Brasil, e, tendo acesso a seus nomes, passamos a buscar na internet outras informações sobre os mesmos, tentando localizar principalmente algum tipo de contato como *e-mail* ou contas em redes sociais (*Facebook, Twitter* e etc.). Após encontrar essas informações, foi solicitado que esses informantes respondessem ao questionário online. O procedimento foi realizado com o intuito de se obter uma amostra mais representativa do mercado de trabalho formal brasileiro, com trabalhadores imigrantes localizados em diferentes Unidades da Federação.

Perfil e características dos trabalhadores

Se em 2008 o número total de trabalhadores estrangeiros contidos nos dados da RAIS era de 49.439, em 2015, o número aumenta significativamente chegando a um total de 131.037 imigrantes com vínculo formal de trabalho no Brasil. A proporção média de mão de obra estrangeira com vínculo formal de trabalho, segundo sexo, durante o período foi de 71% de homens e 29% de mulheres.

Nesse sentido, percebe-se que em relação à inserção de mão de obra estrangeira no mercado de trabalho formal brasileiro, os homens são maioria. Porém, deve-se salientar que, ao se considerar apenas os vínculos formais de trabalho ocorre uma perda muito grande de trabalhadores/as que estão presentes no mercado de trabalho informal.

Diversos trabalhos (PARELLA, 2005; HIRATA, 2009) mostram que as trabalhadoras migrantes tendem a ser maioria no mercado de trabalho informal, pois encontram-se inseridas em postos de trabalho específicos que historicamente são direcionados para mulheres, como é o caso dos trabalhos domésticos.

De acordo com Dutra (2013), as mulheres migrantes ocupam um lugar de grande vulnerabilidade na sociedade receptora e são amplamente exploradas e discriminadas no mercado de trabalho: “o entrecruzamento das condições de classe, gênero e etnia condena o coletivo de mulheres migrantes trabalhadoras a uma situação de vulnerabilidade social acentuada pela concentração delas no mercado de trabalho informal”. (DUTRA, 2013, p. 181).

Hochschild e Ehrenreich (2003) afirmam que um aspecto que cada vez mais associado à figura das mulheres migrantes no final do século XX é a sua presença no mercado das tarefas domésticas e de cuidado, e sendo assim, as mulheres “recém-chegadas”, acabam se tornando “mães substitutivas da infância global”. Por isso, uma quantidade muito grande de mulheres migrantes atua nesse mercado do trabalho doméstico, sendo esta uma “atividade socialmente pouco valorada, etiquetada como “suja” e escassamente qualificada, assumida como algo inerente à condição feminina e, frequentemente, realizada na economia informal”. (PARELLA, 2005, p. 98).

De acordo com Cavalcante (2015), outra característica bastante importante dos fluxos migratórios que tem como destino o Brasil, atualmente, é a sua diversificação. Nesse sentido, ao contrário dos fluxos imigratórios anteriores que ocorreram entre os séculos XIX e início do século XX, quando os imigrantes provenientes do hemisfério norte recebiam diversos incentivos do governo brasileiro, pois “tinham a função de “ocupar” territórios e de “branquear” o país, na atualidade, o mercado de trabalho brasileiro vem recebendo também imigrantes provenientes do hemisfério sul”. (CAVALCANTE, 2015, p. 37).

A tabela 1 demonstra essa diversificação e como os imigrantes provenientes de países do hemisfério sul passaram a ocupar significativamente o mercado de trabalho formal brasileiro nos últimos anos.

Tabela 1: Total de estrangeiros por nacionalidades, Brasil - 2008 – 2015.

Nacionalidade	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Haitiana	0	0	0	519	3.033	11.360	23.993	34.224
Portuguesa	8.881	8.665	8.484	9.213	9.990	10.547	10.770	10.254
Argentina	4.708	4.948	5.196	5.932	6.421	7.061	7.832	7.795
Paraguaia	1.702	2.093	2.778	3.813	4.730	5.955	7.119	7.644
Boliviana	2.832	3.060	3.571	4.793	5.702	7.136	7.243	6.700
Uruguaia	2.962	3.079	3.341	3.637	3.807	3.976	4.203	4.176
Chilena	3.980	3.989	4.169	4.459	4.509	4.553	4.494	4.164
Peruana	0	0	0	857	1.569	2.262	2.833	3.292
Italiana	2.183	2.206	2.219	2.461	2.699	2.912	3.116	3.071
Norte-Americana	1.584	1.685	1.815	2.236	2.511	2.564	2.553	2.380
Japonesa	1.790	1.832	1.894	2.140	2.341	2.517	2.727	2.636
Espanhola	1.789	1.771	1.885	2.192	2.516	3.065	3.093	2.852
Colombiana	0	0	0	424	632	1.067	1.408	1.941
Venezuelana	0	0	0	335	457	545	634	888
Outras	17.028	18.487	22.140	21.701	24.237	28.965	37.294	40.961
Total	49.439	51.815	57.492	64.711	75.154	94.485	119.312	131.037

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008-2015.

Durante o período analisado, é necessário destacar principalmente a quantidade de trabalhadores provenientes do Haiti, sendo que, a partir de 2013, essa passou a ser a principal nacionalidade estrangeira presente no mercado de trabalho formal brasileiro. Em 2015, o número total de haitianos presentes nos dados da RAIS foi de 34.224.

A tendência é que este fluxo se mantenha devido a diversas ações governamentais, como a ocorrida em novembro de 2015, quando de modo conjunto, o Ministério do Trabalho e Previdência Social e o Ministério da Justiça autorizaram 43.781 haitianos que se encontravam em situação irregular no país a tirar o visto de residência permanente, o que possibilita esses imigrantes, a partir de então, terem acesso à carteira de identidade de estrangeiro, documento que permite o acesso ao mercado de trabalho formal e serviços públicos, como saúde e educação.

Outros fluxos migratórios que têm demonstrado bastante expressividade são os de trabalhadores estrangeiros provenientes de países da América do Sul. Durante o período analisado destacam-se principalmente os fluxos de imigrantes provenientes de países como Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai.

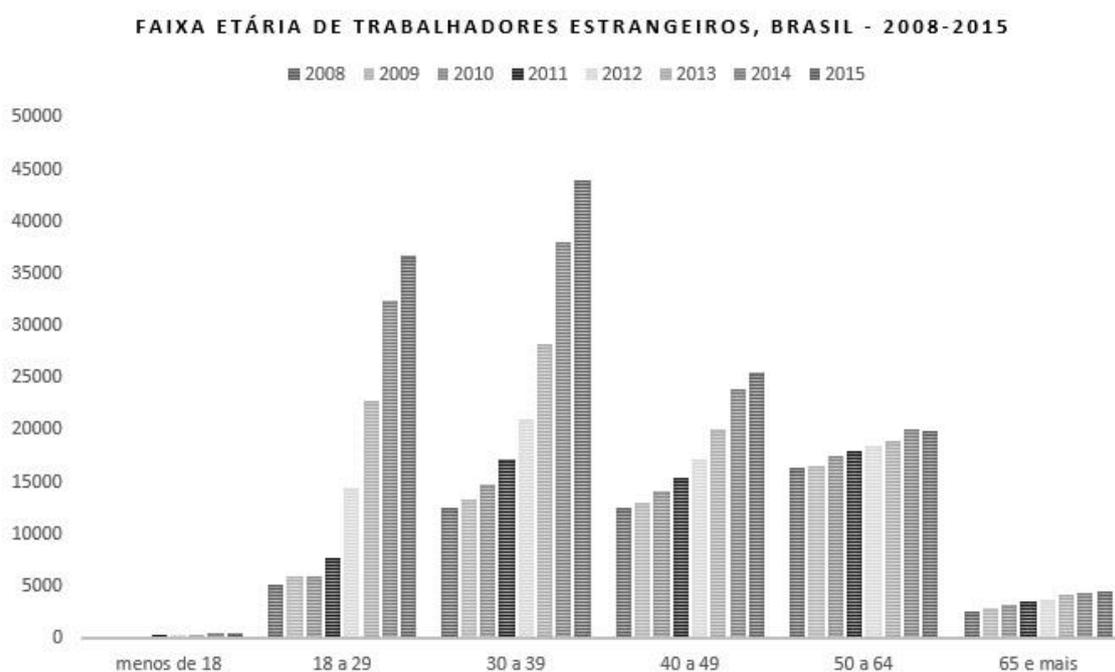
Fernandes (2015) afirma que esses países apresentam uma forte integração regional e o contexto internacional tem propiciado nessa região uma “transferência populacional, tanto para as metrópoles, quanto para outras cidades nas quais a posição geográfica e a competitividade do mercado têm atraído indústrias novas e internacionais nesse atual momento da economia” (FERNANDES, 2015, p. 32).

Os tratados firmados pelo Mercosul e países associados são um outro aspecto que parece ser essencial para o fortalecimento desses fluxos migratórios, pois segundo Alves (2015), os direitos adquiridos através desses acordos abrem espaço, de forma gradativa, para a formação de um bloco regional de mercado de trabalho. Outros fluxos migratórios como de chilenos, peruanos, colombianos e venezuelanos, também têm demonstrado um aumento importante.

Foram observadas também outras novas nacionalidades presentes no mercado de trabalho formal; fluxos migratórios de africanos, paquistaneses, bengaleses, senegaleses, ganeses, dentre outros, demonstram uma importante modificação no perfil dos fluxos migratórios recentes que tem como destino o Brasil.

Com relação à faixa etária, sendo a RAIS uma base de dados que informa sobre o mercado de trabalho, a mesma apresenta de forma predominante uma população em idade ativa. Por isso, como é possível examinar através do gráfico 1, durante o período estudado, há uma distribuição bastante equitativa entre as faixas etárias a partir dos 18 anos até os 64 anos de idade, ainda que, ao longo do período, algumas faixas tenham tido um crescimento exponencial como as faixas de 18-29 e a de 30-39 anos de idade.

Gráfico 1: Faixa Etária de trabalhadores estrangeiros, Brasil - 2008-2015.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008-2015.

A maior parte dos trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho formal no Brasil possui formação superior e ensino médio completo, respectivamente, como demonstra a tabela 2. A Organização Internacional para as Migrações (2014) afirma que o processo de reestruturação produtiva tem atraído um contingente importante de estrangeiros para trabalhar em empresas instaladas no Brasil. Assim, entre 2008 e 2015, em média 45% das autorizações de trabalho concedidas no Brasil contemplaram um contingente de estrangeiros com curso superior completo, incluindo mestrado e doutorado.

Tabela 2: Trabalhadores estrangeiros por nível de escolaridade, Brasil - 2008 e 2015.

Escolaridade	2008	%	2015	%
Analfabeto	42	0,08	1.640	1,25
Até 5ª Incompleto	355	0,72	4.041	3,08
5º Completo Fundamental	903	1,83	3.281	2,50
6º a 9ª Fundamental	1.219	2,47	9.081	6,93
Fundamental Completo	3.122	6,31	14.460	11,04
Ensino Médio Incompleto	1.688	3,41	8.053	6,15
Ensino Médio Completo	11.412	23,08	43.579	33,26
Superior Incompleto	2.445	4,95	3.485	2,64
Superior Completo	26.633	53,87	39.365	30,04
Mestrado	739	1,49	2.053	1,57
Doutorado	881	1,78	2.026	1,55
Total	49.439	100	131.037	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008-2015.

A tabela 3 mostra as principais ocupações em que os trabalhadores estrangeiros que possuem ensino médio e ensino superior encontram-se inseridos. Com relação aos postos de trabalho, compreende-se que há uma importante distinção com relação à concentração desses trabalhadores de acordo com o nível escolar, pois enquanto os trabalhadores que possuem ensino médio tendem a se concentrar no setor de bens e serviços industriais, os trabalhadores que possuem ensino superior localizam-se principalmente em áreas de direção/gerência e de ensino.

Tabela 3: Principais ocupações de trabalhadores estrangeiros por escolaridade, Brasil - 2008 e 2015.

Ensino Médio				Ensino Superior			
Ocupação	2008	2015	Variação	Ocupação	2008	2015	Variação
Trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação	463	4.539	880,34%	Gerente de áreas de apoio	3.383	5.815	71,89%
Vendedores e demonstradores	899	3.283	256,18%	Diretores de áreas de apoio	1.249	1.916	53,40%
Trabalhadores nos serviços de administração, conservação e manutenção de ed. e logradouros	200	2.786	1.239%	Professores do ensino superior	2.121	2.754	29,84%

Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos	1242	2.203	77,38%	Professores de nível superior na educação infantil e no ensino fundamental	1.746	2.134	22,22%
Trabalhadores artesanais na agroindústria, na indústria de alimentos e do fumo	95	1.970	1.973%	Profissionais de organização e administração de empresas e afins	1.409	2.136	51,60%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008-2015.

É interessante perceber de que maneira a mudança no perfil dos fluxos migratórios recentes – através de uma quantidade bastante significativa de imigrantes provenientes do hemisfério sul – propiciou uma série de mudanças com relação a vários aspectos que podem ser observados através dos dados da RAIS, como por exemplo, a ocupação desses trabalhadores no mercado de trabalho formal e sua remuneração.

Se em 2008, 51,32% da força de trabalho realizava atividades na ponta virtuosa da produção em cargos de direção/gerência ou como profissionais de nível superior, em 2015, se destacam os trabalhadores presentes na produção de bens e serviços industriais (33,89%), seguido pelos trabalhadores no setor de serviços e vendedores (18,09%) e profissionais de nível superior (17,07%), como demonstra a tabela 4.

Tabela 4: Trabalhadores estrangeiros por grupos ocupacionais, Brasil - 2008 e 2015.

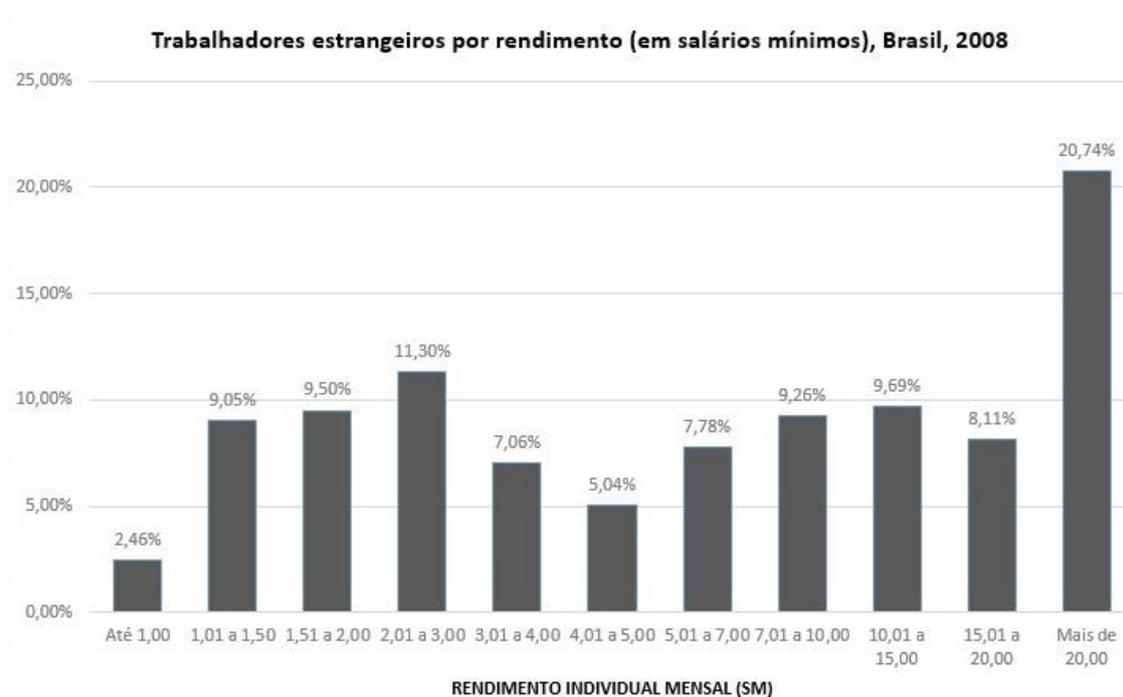
Grupos Ocupacionais	2008	%	2015	%
Dirigentes e Gerentes	9.568	19,35	14.671	11,20
Profissionais das Ciências e das Artes	16.002	32,37	22.369	17,07
Técnicos de Nível Médio	6.052	12,24	9.336	7,12
Trabalhadores de Serviços Administrativos	6.506	13,16	12.724	9,71
Trabalhadores dos Serviços, Vendedores em Lojas e Mercados	5.094	10,30	23.699	18,09
Trabalhadores Agropecuários, Florestais e da pesca	270	0,55	1.724	1,32
Trabalhadores da Produção de Bens e Serviços Industriais	5.067	10,25	44.412	33,89
Trabalhadores em Serviços de Reparação e	870	1,76	1.984	1,51

Manutenção				
Ignorado	10	0,02	118	0,09
Total	49.439	100	131.037	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008-2015.

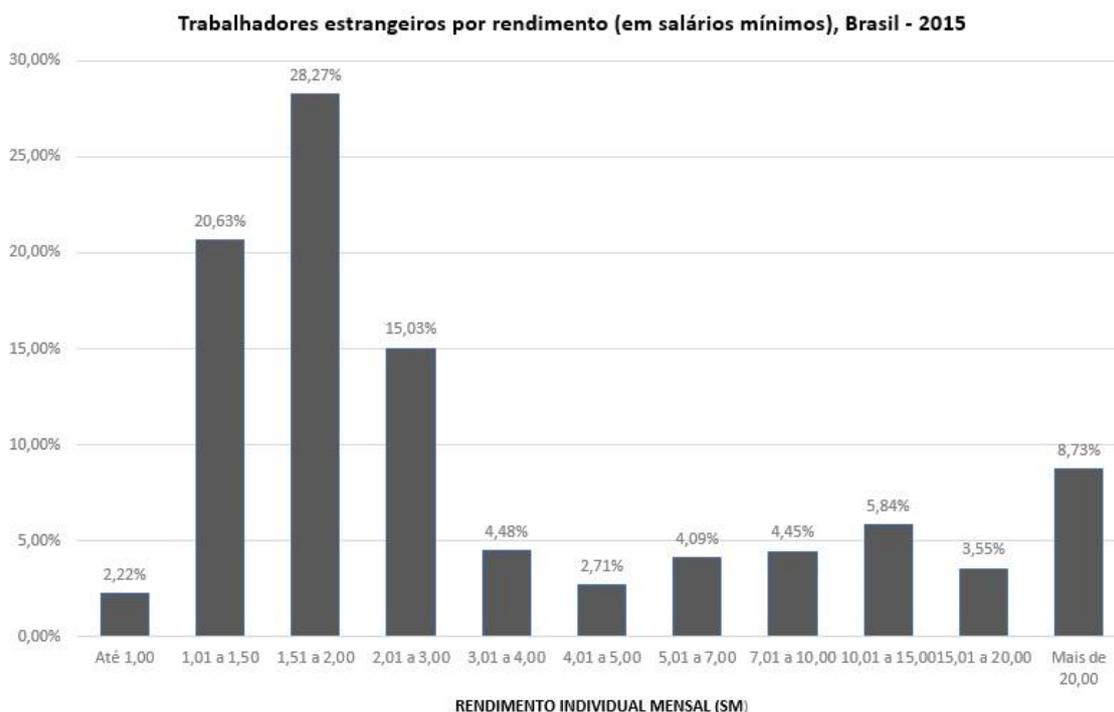
Com relação à remuneração, é possível perceber essa mesma mudança. Os gráficos 2 e 3 explicitam essa diferença, assim em 2008, a maior parte dos trabalhadores estrangeiros (20,38%) recebia mais de 20 salários mínimos por mês, o que faz sentido, pois a maioria encontrava-se presente nos postos de trabalhos citados acima. Já em 2015, ocorre uma brusca alteração nesses dados e a maioria dos trabalhadores imigrantes passa a ter nesse novo cenário, remuneração média entre um salário e meio dois salários mínimos (27,99%).

Gráfico 2: Trabalhadores estrangeiros por rendimentos (em salários mínimos), Brasil - 2008.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008.

Gráfico 3: Trabalhadores estrangeiros por rendimentos (em salários mínimos), Brasil - 2015.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2015.

No que se refere à distribuição dos trabalhadores nos Estados da Federação, ^a tabela 5 indica que o Estado de São Paulo manteve a liderança como primeira Unidade da Federação de trabalho de imigrantes com vínculo formal de emprego, seguido por Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro.

Tabela 5: Trabalhadores estrangeiros por UF, Brasil - 2008 e 2015.

Região	Unidades da Federação	2008	%	2015	%
Norte	Rondônia	229	0,46	933	0,71
	Acre	127	0,26	229	0,17
	Amazonas	908	1,84	1.776	1,36
	Roraima	33	0,07	228	0,17
	Pará	329	0,67	543	0,41
	Amapá	39	0,08	62	0,05
	Tocantins	89	0,18	194	0,15
Nordeste	Maranhão	133	0,27	252	0,19

	Piauí	41	0,08	95	0,07
	Ceará	320	0,65	1.688	1,29
	Rio Grande do Norte	217	0,44	495	0,38
	Paraíba	200	0,40	327	0,25
	Pernambuco	508	1,03	1.094	0,83
	Alagoas	115	0,23	191	0,15
	Sergipe	98	0,20	212	0,16
	Bahia	1.080	2,18	1.827	1,39
Sudeste	Minas Gerais	1.881	3,80	5.143	3,92
	Espírito Santo	450	0,91	877	0,67
	Rio de Janeiro	7.912	16,00	12.803	9,77
	São Paulo	25.042	50,65	47.023	35,89
Sul	Paraná	2.626	5,31	16.622	12,68
	Santa Catarina	2.080	4,21	16.808	12,83
	Rio Grande do Sul	2.950	5,97	13.160	10,04
Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	501	1,01	2.092	1,60
	Mato Grosso	255	0,52	2.812	2,15
	Goiás	364	0,74	1.764	1,35
	Distrito Federal	912	1,84	1.085	0,83
	Total	49.439	100	131.037	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008 e 2015.

Os dados revelam um aumento significativo dos imigrantes no sul do país, nos setores da construção civil e no setor de produção de bens industriais, sobretudo, em trabalhos pesados, como por exemplo, os trabalhos nas fábricas de conservas, nos abatedores de carne e frango, na construção civil, entre outros. Segundo Cavalcante (2015), são atividades realizadas “em condições duras e difíceis, e que muitas vezes são rejeitadas pelos trabalhadores locais, e por isso passam a ser realizadas por imigrantes que possuem baixa qualificação” (CAVALCANTE, 2015, p. 44).

Trajetórias ocupacionais

Ao analisar as trajetórias ocupacionais de trabalhadores oriundos de países do hemisfério sul, através das entrevistas realizadas, percebe-se que a maioria encontra-se em ocupações pertencentes à ponta precária da produção, porém analisando as trajetórias ocupacionais, percebe-se que, nos países de origem, esses trabalhadores também encontravam-se inseridos em ocupações semelhantes, ainda que em alguns relatos de trabalhadores haitianos, fique explícito que as condições de trabalho aqui no Brasil, muitas vezes, podem ser ainda piores do que as vividas no Haiti:

Eu comecei a trabalhar com 15 anos, mas eu deixei o Haiti e fui trabalhar na República Dominicana com 17 anos e fiquei lá 20 anos, e trabalhei sempre na construção civil como pedreiro. Lá no Haiti, eu era chefe de pedreiro, eu tinha 40 trabalhando para mim numa obra, o trabalho lá não era pesado igual aqui, eu não carregava peso o dia inteiro. Aqui, desde que eu cheguei, estou nessa empresa de tomate, passo o dia todo carregando peso das 5h da manhã às 17h, ganho dinheiro “quebrando a coluna”, é muito pesado, mas é o que tem [...] (Entrevistado nº1, haitiano, 38 anos, Goiânia-GO¹).

Eu tinha 14 anos quando meu pai morreu e eu tive que assumir o trabalho que ele fazia no campo, trabalhava na nossa terra mesmo, aí plantava todas as plantas, tomate, pimenta, milho, mandioca, quiabo, feijão, aí vendia. Lá no Haiti o trabalho é muito difícil porque lá tem mês que tem água e tem mês que não tem, aí perdia tudo [...] Aqui sou carregador, o trabalho é pesado demais, carregar caixa de alimento, eu entro 6h da manhã e saio 17h da tarde, eu pensar que Deus vai arrumar um trabalho melhor para mim [...] (Entrevistado nº03, haitiano, 24 anos, Goiânia-GO).

O acesso a redes de contatos eficientes aparece com um aspecto fundamental para uma inserção mais rápida e em ocupações melhores no mercado de trabalho, principalmente entre os trabalhadores provenientes de países periféricos:

[...] Antes de vir para cá, eu tinha um amigo da minha mãe que mora lá no Porto Velho e que me ajuda em muitas coisas para vir para cá, fazer passaporte, visto, comprar para mim passagem e depois vir para cá. [...] e meu trabalho aqui foi um amigo meu brasileiro que arrumou ele para mim, eu conheci ele aqui na igreja, agora trabalho nessa oficina no almoxarifado [...] (Entrevistado nº04, haitiano, 29 anos, Aparecida de Goiânia-GO).

¹ Os informantes encontram-se nomeados através de algarismos arábicos a fim de preservar a identidade dos mesmos. Assim, alguns dados que consideramos importantes estão apresentados logo após as falas dos mesmos, seguindo a seguinte ordem: numeração arábica, nacionalidade do informante, idade e cidade de residência no Brasil.

Depois de 5 meses sem trabalho, tem um rapaz que mora perto de mim, ele falou com o chefe e falou que tem um amigo que não conseguiu serviço, ele falou para o chefe e o chefe falou para trazer eu, e agora trabalho nessa empresa à noite como auxiliar de produção. [...] (Entrevistado nº 09, haitiano, 30 anos, Goiânia-GO).

Dentre os entrevistados haitianos, dois frequentaram curso superior, porém não concluíram a formação educacional. Esses entrevistados afirmam que no Haiti chegaram a dar aulas para crianças e adolescentes, porém quando a situação do país se tornou muito caótica deixaram o país em busca de uma condição de vida melhor:

Em Haiti sou professor de literatura, idioma espanhol e francês também, eu dava aula em escola, eu tenho certificação de idiomas espanhol e francês também, dava aula para adolescente e criança também. Esse foi o único trabalho que tive [...] eu venho aqui Brasil, teve o terremoto lá no Haiti, teve muita pessoa que morreu, não tem muita faculdade lá igual aqui, aí tenho muita dificuldade, aí venho aqui fazer faculdade e trabalhar também [...] (Entrevistado nº 08, haitiano, 32 anos, Aparecida de Goiânia).

Lá no Haiti, eu comecei a trabalhar como pintor e trabalhar como professor de ensino fundamental, como eu comecei a fazer faculdade de administração eu dava aulas [...] o meu último trabalho no Haiti era como pintor e de manhã eu dava aula em escola particular [...] (Entrevistado nº 09, haitiano, 30 anos, Aparecida de Goiânia).

Esses dois entrevistados que anteriormente eram professores no Haiti, atualmente trabalham como auxiliares de produção. Por isso, afirmam ter um grande desejo de cursar o ensino superior no Brasil, pois percebem que apenas assim teriam alguma possibilidade de conseguirem uma inserção nesse mesmo ramo de atividade aqui no Brasil.

Ao observar as trajetórias ocupacionais dos trabalhadores oriundos do norte global através dos questionários preenchidos *online* e das entrevistas, percebe-se que a maioria possui ensino superior completo e ocupam postos de trabalho que pertencem à ponta virtuosa da produção:

Lá na Irlanda, quando você trabalha na educação infantil você não é professora, você é educadora ou você toma cuidado das crianças, você não é professora, então eu acho que a diferença é que aqui eu ganhei muito mais experiência aqui em pouco tempo do que eu ia ganhar lá. Porque eu já virei coordenadora com seis anos de trabalho aqui, eu acho que para conseguir o mesmo lá na Irlanda iria demorar mais [...] (Entrevistada nº10, irlandesa, 28 anos, Goiânia-GO).

Uma característica bastante recorrente por parte de trabalhadores que ocupam cargos de gerência e direção é a informação de que vieram trabalhar, no Brasil, motivados por oportunidades oferecidas pelas empresas – nesse caso, são empresas multinacionais e transnacionais que atuam no Brasil – onde já atuavam anteriormente, porém em seu local de origem.

Sendo assim, esses trabalhadores revelam vivenciar uma mobilidade ocupacional ascendente, pois os cargos que passam a ocupar no Brasil são melhores do que os que tinham anteriormente na mesma empresa, porém no momento em que trabalhavam ainda em seu país de origem:

Eu estou trabalhando na mesma empresa em trabalhava na Finlândia. Eu informei o gerenciamento da empresa que estava disponível, caso precisassem enviar alguém para o Brasil e aqui estamos [...] Atualmente atuo como gerente de vendas de nossos produtos aqui no Brasil [...] anteriormente na Finlândia eu trabalhava na parte operacional [...] (Formulário online nº 09, finlandês, 46 anos, Curitiba-PR).

Eu já estava trabalhando para esta empresa na Holanda. Agora aqui no Brasil eu sou gerente de P&D em uma empresa que faz o tratamento de sementes [...] a diferença é que antes na Holanda eu era coordenadora e agora sou gerente, ou seja, tenho mais responsabilidades [...] (Formulário online nº 12, holandesa, 37 anos, Holambra-SC).

A empresa russa comprou esta fábrica no Brasil e eles precisam de pessoas russas na parte da administração, atualmente sou controladora financeira da empresa aqui [...] quando estava na empresa lá eu era auditora e agora faço parte da gerência aqui [...] (Formulário online nº 07, russa, 32 anos, Caçador-SC).

Um outro aspecto importante com relação aos trabalhadores provenientes de países centrais é que estes relatam que, apesar de a grande maioria estar exercendo atividades relacionadas à sua formação profissional, nem sempre há exigência de comprovação de tal formação através de diplomas, certificados e etc.

Em outros casos, mesmo que não haja uma formação profissional específica, é como se a nacionalidade propiciasse a criação de uma “autoridade” ou de um “saber” e isso tornasse o trabalhador imigrante apto a desempenhar determinadas funções:

Eu sou coordenadora de produtos atualmente. Eu estudei sobre a América Latina, não estudei sobre vinhos, mas ao mesmo tempo eu também elaboro projetos aqui, então acho que uma parte do meu

trabalho está ligada à minha formação e outra não, que é uma coisa de tradição e familiar minha, do mundo do vinho que não foi uma coisa que eu estudei na faculdade [...] ser francesa e trabalhando no mundo do vinho é algo bem favorável, as pessoas já... só por ser francesa parece que eu tenho um crédito assim para poder falar de vinhos [...] (Entrevistada nº 18, francesa, 30 anos, São Paulo-SP).

Eu tinha 15 anos quando comecei a trabalhar no meu país e foi num canil, com 16 anos eu trabalhei numa loja, depois trabalhei de garçom e de recepcionista por último [...] não cheguei a entrar na faculdade na Inglaterra [...] Sou professora de inglês atualmente aqui [...] foi muito fácil arrumar emprego aqui, eu deixei meu currículo e me contrataram quase que imediatamente [...] não houve necessidade de comprovação de formação educacional, acredito que seja pelo fato de eu vir da Inglaterra, e ter o inglês como língua nativa [...] (Entrevistada nº11, inglesa, 25 anos, Goiânia-GO).

A maioria dos trabalhadores estrangeiros afirmam que dentre as principais dificuldades encontradas para a sua inserção no mercado de trabalho brasileiro destacam-se os problemas referentes à obtenção de autorização de trabalho, validação de documentos, como diplomas e certificados e a barreira linguística.

Nesse sentido, ao examinar a trajetória ocupacional desses trabalhadores, é possível perceber aquilo que Alves (2013) demonstra em seu estudo ao afirmar a existência de uma configuração polarizada com relação à demanda por trabalhadores estrangeiros no Brasil, “uma dupla dimensão, qualificada e não qualificada, visível e não visível” (ALVES, 2013, pg. 03).

As análises das trajetórias ocupacionais desses trabalhadores permitem evidenciar que uma mobilidade ocupacional ascendente não depende apenas de qualidades individuais do imigrante, mas também de variáveis contextuais relacionadas a características inerentes ao mercado de trabalho da sociedade receptora, ou seja, nessa dinâmica, alguns aspectos tornam-se essenciais como, por exemplo, relações estruturais e institucionais, questões de gênero, redes de contatos eficazes, assim como características individuais.

Conclusão

Este trabalho buscou analisar a trajetória ocupacional de trabalhadores estrangeiros inseridos no mercado de trabalho formal no Brasil. Sendo assim, recorreu-se num primeiro momento a dados quantitativos almejando traçar o perfil e características desses trabalhadores. Através dos dados disponibilizados pela RAIS, foi

possível perceber que entre o período de 2008-2015, o número de trabalhadores estrangeiros cresceu constantemente, mesmo diante de um cenário de crise econômica que teve o seu aprofundamento no Brasil, principalmente, a partir de 2014.

Esses dados demonstraram também uma importante mudança com relação ao perfil desses trabalhadores, sendo que, cada vez mais, é possível perceber uma diversificação com relação as nacionalidades presentes no mercado de trabalho formal brasileiro, principalmente em razão da entrada significativa de trabalhadores provenientes do hemisfério sul.

Dentre esses novos fluxos migratórios destacam-se, atualmente, os imigrantes provenientes de diversos países periféricos da África, Ásia e países da América Latina. A entrada de haitianos tem recebido especial atenção, pois, de acordo com Fernandes (2015), não se observava um afluxo tão expressivo como este, de imigrantes originários do Hemisfério Norte para o Brasil, chegando ao país em situação irregular, desde o final da Segunda Guerra Mundial.

O Brasil tem demandado trabalhadores estrangeiros, principalmente, para atividades altamente qualificadas, porém, em virtude das dificuldades em encontrar mão de obra em determinadas ocupações – geralmente atividades pesadas, que possuem más condições de trabalho - existe também uma oferta de trabalho para atividades que exigem menos qualificação.

O mercado de trabalho formal brasileiro tem absorvido ao mesmo tempo, trabalhadores para ocuparem atividades que se encontram na ponta virtuosa, e também para atividades presentes na ponta precária do mercado de trabalho. Desse modo, existe uma demanda por trabalhadores qualificados ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho tem aproveitado também trabalhadores com pouca escolaridade em atividades diversas.

Na segunda parte do trabalho, utilizando-se de dados qualitativos através de entrevistas e questionários, foi possível observar as trajetórias ocupacionais desses trabalhadores e perceber a existência dessa polarização, encontrando trabalhadores qualificados – ou altamente qualificados – atuando em atividades de ponta e de alta tecnologia, com condições de trabalho e de emprego mais protegidas, e ao mesmo tempo, imigrantes não qualificados em ocupações diversas, principalmente, na indústria têxtil, no setor de serviço e na construção civil, realizando trabalhos de caráter essencialmente manual.

Referências bibliográficas:

ALVES, Patrícia Villen. *Imigração na modernização dependente: “braços civilizatórios e atual configuração polarizada”*. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP.

_____. Polarização do mercado de trabalho e a nova imigração internacional no Brasil. In: *Seminário do Trabalho: Trabalho e políticas sociais no século XXI*, 8, 2012, Marília: Unesp, 2012. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt5/polarizacao.pdf>>. Acesso em: 14/04/2017.

ARANGO, Joaquín. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra. In: *Migración y Desarrollo*, Cidade do México, n.1, p. 1-30, outubro, 2003.

BONACICH, Edna. A Theory of Middleman Minorities. *American Sociological Review*, v. 38, n. 5, p. 583-594, 1973.

BORJAS, George. Assimilation, Changes in Cohort Quality, and the Earnings of Immigrants. *Journal of Labor Economics*, v. 3, n.4, p. 463-489, 1985.

CAVALCANTE, Leonardo. Imigração e Mercado de trabalho no Brasil: Características e tendências. *Cadernos Obmigra: Migração e Mobilidade na América do Sul*, v. 1, n. 3, p. 35-47, 2015.

CHISWICK, Barry, LEE, Yew, & MILLER, Paul. A Longitudinal Analysis of Immigrant Occupational Mobility: A Test of the Immigrant Assimilation Hypothesis. *International Migration Review*, v. 39, n. 2, p.332-353, 2005.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação e sociedade*, Campinas, v. 19, n. 62, p. 13-30, abr. 1998 .

DUBAR, Claude; NICOURD, Sandrine. *Les biographies em sociologie*. Paris: La Découverte, 2017.

EDMONSTON, Barry. Lifecourse perspectives on immigration. *Canadian Studies in Population*, v. 40, n. 1–2, Spring/Summer, p. 1–8, 2013.

FERNANDES, Duval. O Brasil e a migração internacional no século XXI – Notas introdutórias. In: PRADO, José Peixoto; COELHO, Renata (Orgs.). *Migrações e trabalho*. Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015. p. 19-40.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. *Caminhos Cruzados: Estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores*. São Paulo, Ed. 34, 2004.

HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. *Sociologias*, n. 21, Porto Alegre, Janeiro/Junho, 2009.

HOCHSCHILD, Arlie; EHRENREICH, Barbara. *Global Woman: Nannies, Maids and Sex Workers in the New Economy*. Nova York: Metropolitan Press, 2002.

MASSEY, Douglas; ARANGO, Joaquín. *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

PARELLA RUBIO, Sònia. Segregación laboral y "vulnerabilidad social" de la mujer inmigrante a partir de la interacción entre clase social, género y etnia. In: FLAQUER, Lluís; SOLÉ, Carlota (eds.). *El uso de las políticas sociales por las mujeres inmigrantes*. Madrid: Instituto de la Mujer. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2005. p. 97-136.

PIORE, Michael. *Birds of passage: migrant labour in industrial societies*. Cambridge University Press, Nova York, 1979.

SASSEN, Saskia. The International Circulation of Resources and Development: The Case of Migrant Labour. *Development and Change*, v. 9, p. 509-554, 1978.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SELLA, Lisa, RAGAZZI, Elena. Migration and work: the cohesive role of vocational training policies. *Mondi Migranti*, n. 01, p. 139-160, 2016.

THOMAS, William; ZNANIECKI, Florian. *The Polish Peasant in Europe and America*: monograph of an immigrant group. New York: Knopf, 1927. 2 vols.

WYNNE, Mark. International migration remains the last frontier of globalization. *DallasFed: Economic Letter*. v. 10, n. 2, p. 1-4, 2015.